

Montoro reclama novas soluções para a crise

Araújo Netto

Correspondente

ROMA — Ao falar ontem na Universidade de Roma II, para professores, políticos, intelectuais e estudantes, o ex-governador Franco Montoro, de São Paulo, reclamou dos países industrializados e ricos a revisão das regras para a solução da maior crise econômica e social da América Latina, criada por uma dívida externa que superou os 400 bilhões de dólares. A palestra foi seguida de debate. Montoro começou a conferência oferecendo informações sobre a realidade latino-americana:

— Sua dívida externa é superior a 400 bilhões de dólares. Os índices de inflação são absurdos, chegando a 500 e até mesmo a mais de 1.000% em alguns países. Os salários são substancialmente reduzidos. O desemprego é cada dia maior. O produto por habitante caiu mais de 10% desde 1980. A miséria, a pobreza e a fome aumentam cada dia. Apesar disso, os países da região, como pagamento do serviço de sua dívida externa, enviaram aos países credores, nos últimos cinco anos, a importância líquida de 150 bilhões de dólares. Transformaram-se, assim, em exportadores de capitais. No período 81-86, as economias latino-americanas estagnaram e a renda per capita caiu 1,3% ao ano.

Na análise da situação, Montoro ressaltou que as responsabilidades não podem ser atribuídas apenas aos países devedores:

— As políticas adotadas pela maioria dos países devedores para enfrentar a crise foram basicamente conduzidas pelos ditames ortodoxos do FMI e dos bancos estrangeiros. A regra fundamental foi a do rigoroso pagamento dos serviços e obediência a normas duras impostas nas negociações. Por isso, na gestação da dívida existe responsabilidade conjunta dos países devedores, dos bancos credores e dos países industrializados.

Montoro afirmou que — do ponto de vista financeiro — o problema central é o pagamento dos juros e sua elevação exorbitante, devido à regra que estabeleceu os juros flutuantes, surgidos na época em que a queda de investimentos gerou excesso de dólares, deprimindo os juros.

Acrescentou que a crise tornou-se insuportável para os países latino-americanos, quando (a 6 de outubro de 1979), por decisão do presidente do Federal Reserve Board, foi alterada a forma de controle dos meios de pagamento nos Estados Unidos e aplicado arrocho monetário tão severo que a *prime rate* saltou de 9 para 12%, depois para 16%, chegando a 20% em maio do ano seguinte, e batendo o recorde de todos os tempos em janeiro de 1981 — 21,5%.